



# UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

**Comunicação Social - Jornalismo**

**História do Jornalismo Brasileiro**

## **Resenha: Estação Carandiru<sup>1</sup>**

**Por Ana Flávia Motta<sup>2</sup>**

Drauzio Varella é conhecido por boa parte dos brasileiros através de sua participação no programa de televisão “Fantástico”, produzido pela Rede Globo. Ele é médico cancerologista formado pela Universidade de São Paulo. Em 1989, iniciou uma pesquisa sobre a predominância do vírus HIV na população carcerária da Casa de Detenção do Carandiru, onde trabalhou como médico voluntário até a desativação do presídio em 2002.<sup>3</sup>

Drauzio Varella registra seus anos de atendimento, seu relacionamento com os detentos e sua vivência no local. Assim, em 1999 foi publicado “Estação Carandiru”, recebendo o Prêmio Jabuti 2000 de livro do ano<sup>4</sup>.

A Casa de Detenção de São Paulo, conhecida por Carandiru, foi o maior presídio do Brasil e da América Latina, chegando a abrigar mais de sete mil presos. O presídio surgiu na década de 1920 a fim de alojar a população carcerária de São Paulo. O projeto referente aos dois primeiros pavilhões construídos, elaborado por Samuel das Neves, foi inspirado no *Centre Pénitentiaire de Fresnes*. Posteriormente, sofreu algumas alterações pelo escritório de Ramos de Azevedo, que utilizou técnicas modernas e muitos materiais importados. O

---

<sup>1</sup> VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Ceará.

<sup>3</sup> Informações obtidas através do Portal Drauzio Varella. Disponível em <<https://drauzioarella.uol.com.br/>>. Acesso em 20 de Maio de 2019.

<sup>4</sup> Disponível em <<https://drauzioarella.uol.com.br/livro/estacao-carandiru/>>. Acesso em 20 de Maio de 2019.

orçamento inicial tinha o custo de 7 mil contos de réis, mas acabou custando o dobro. Possuía capacidade para 1200 presos e foi chamado de Instituto de Regeneração durante duas décadas. Chegou a ser considerado um cartão-postal da cidade. Foi elogiado pelo escritor austríaco, Stephan Zweig, pela sua limpeza e higiene exemplares e chamado de “fábrica de trabalho”, devido às atividades serem realizadas pelos próprios presos, como plantação, lavagem de roupa, entre outras. Todavia, ao atingir sua capacidade máxima na década de 1940, o presídio entrou em declínio. O surgimento de novos pavilhões e o crescimento da cadeia resultou em diversos problemas que findaram no cenário caótico relato por Dráuzio Varella.<sup>5</sup> Segundo ele “a Casa de Detenção de São Paulo tem mais gente do que muita cidade” (VARELLA, 1999, p. 16).

As condições dos presos não eram adequadas. Os doentes não recebiam o tratamento devido e dividiam celas com os saudáveis, podendo em alguns casos contaminá-los. O cenário de superlotação ocasionava numa única cela com até 20 pessoas. Em seus relatos, Varella mostra que mesmo naquele lugar existia uma sociedade que necessitava de atenção.

Ambiente lúgubre, infestado de sarna, muquirana e baratas que sobem pelo esgoto. Durante a noite, ratos cinzentos passeiam pela galeria deserta. A janela do xadrez e vedada por uma chapa de ferro fenestrada, que impede a entrada de luz. Por falta de ventilação, o cheiro de gente aglomerada e forte e a fumaça de cigarro espalha uma bruma fantasmagórica no interior da cela (VARELLA, 1999).

A história é narrada em forma de relato pessoal, dividido em crônicas, onde o médico conta histórias e desmistifica algumas construções sociais sobre os encarcerados.

O autor inicia ambientando o presídio para que o leitor possa situar-se, descrevendo detalhadamente os locais por onde passou. Havia sete pavilhões, cada um possuía um encaminhamento específico. No dois estavam os recém chegado, onde eram registrados e introduzidos ao presídio. O pavilhão quatro não era tão populoso e tinha celas individuais, sendo o mais desejado entre os recém chegados. Seu propósito inicial era de ser uma área médica, mas nunca chegou a ser uma área exclusiva a isso. O pavilhão cinco era o mais populoso. No pavilhão seis havia uma cozinha desativada e um cinema que fora destruído

---

<sup>5</sup> Disponível em:

<<https://www.semanariozonanorte.com.br/noticia/santana-completa-236-anos-de-desenvolvimento-e-muita-tradicao>>. Acesso em 20 de Maio de 2019.

numa rebelião, transformado num grande auditório. O sete era considerado o mais tranquilo por ser destinado àqueles que desenvolviam algum trabalho. No pavilhão oito estavam os reincidentes no crime e portanto, os mais respeitados. No novo estavam os réus primários.

Quando chegam na Casa de Detenção, os detentos passam por uma triagem e são destinados aos diferentes pavilhões dependendo do tipo de crime que foi cometido. Varella começa a escrever suas experiências, relatar histórias e falar sobre os presos. Em algumas partes ele admite ter ficado apreensivo, contudo, durante seu período no Carandiru ele fez grandes amizades que o permitiu a escrever tantos detalhes ricos no livro.

Fui, movido por uma sensação racional de confiança, mas estava com medo. Atravessei o cinema devagar. Quando cheguei nas últimas filas, a conversa calou. Sentei no chão, no meio dos ladrões, e fiquei assistindo ao vídeo. Tinha as mãos geladas e os batimentos cardíacos acelerados. Veio a sensação de que alguém pularia por trás para me esganar. Controlei o medo e resisti até o final (VARELLA, 1999).

O outro transita em sua narração entre aspectos estruturais, de funcionamento e do perfil dos presos em cada um dos sete pavilhões. Contudo, o aspecto humano é o que mais intriga em sua obra. Ao longo de sua narrativa o autor se desprende de julgamentos, assim como também no âmbito profissional ele sempre buscava priorizar sua função como médico. “Com mais de vinte anos de clínica, foi no meio daqueles que a sociedade considera como escória que percebi com mais clareza o impacto da presença do médico no imaginário humano, um dos mistérios da minha profissão” (VARELLA, 1999, p.75)

Ele também se atenta às construções sociais de dentro do presídio e a hierarquia existente internamente. Além das normas existentes pela lei, os próprios presidiários criam suas próprias regras e aqueles que não cumprem são violentamente castigados.

Neste livro, procuro mostrar que a perda da liberdade e a restrição do espaço físico não conduzem à barbárie, ao contrário do que muitos pensam. Em cativeiro, os homens, como os demais grandes primatas (orangotangos, gorilas, chimpanzés e bonobos), criam novas regras de comportamento com o objetivo de preservar a integridade do grupo. Esse processo adaptativo é regido por um código penal não escrito, como na tradição anglo-saxônica, cujas leis são aplicadas com extremo rigor (VARELLA, 1999).

Varella descreve suas conversas com os presos, como entraram no crime, quais os crimes que cometeram e o que pretendem fazer após saírem. Em seus relatos, o autor mantém

a originalidade das falas daqueles com quem conversam, deixando o livro muito mais realista. Está claro no livro que a postura de Drauzio Varella mostra que ele busca humanizar os detentos, sem defender os crimes cometidos. Uma das partes mais impactantes do livro são os relatos do Massacre do Carandiru, o episódio mais conhecido sobre o presídio, quando 111 presos foram mortos pela Polícia Militar do Estado de São Paulo em 1992, após o início de uma briga que levou à uma rebelião de proporções inesperadas. Obviamente, as perspectivas dos presos diverge da versão dos policiais. A maioria dos sites trazem a informação de que foram 111 mortos. O número de mortos divulgado pela polícia no dia, sendo véspera de eleição, foi de 8 mortos.<sup>6</sup> Segundo o autor, os presos afirmam que foram mais de 250 mortes. Não houve uma única morte entre os policiais militares.

O caso de um dos detentos durante esse dia chama a atenção. Um dia antes do massacre, Dadá recebeu de sua mãe, que era religiosa, uma carta que pedia para o filho ler o Salmo 91 da Bíblia. Ele não o leu imediatamente, mas ao fim do dia 2 de outubro de 1992, o sobrevivente atendeu o pedido de sua mãe e leu: mil cairão a teu lado e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido; nada chegará à tua tenda.

Mesmo sendo médico e estando lá para contribuir na sua área de estudo profissional, Drauzio Varella não escreveu esse livro para falar sobre medicina. O propósito era revelar as falhas do sistema carcerário e a precariedade em que vivem os presos no Brasil.

O livro nos mostra a realidade do nosso sistema carcerário, onde a esperança de ressocialização é quase inexistente. Permite o leitor repensar sua visão sobre os presos e sobre como locais como esse, ao não cumprirem seu papel social, causam mais danos à sociedades do que os próprios delitos cometidos. Nos faz refletir a necessidade de se discutir os direitos humanos de uma população ignorada.

---

<sup>6</sup>Disponível em <<https://super.abril.com.br/historia/como-foi-o-massacre-do-carandiru/>>. Acesso em 20 de Maio de 2019.

## Referências Bibliográficas

CAMARGO, Henrique. **Como foi o massacre do Carandiru?** Disponível em <<https://super.abril.com.br/historia/como-foi-o-massacre-do-carandiru/>>. Acesso em 20 de Maio de 2019.

**Livros: Estação Carandiru.** Disponível em <<https://drauziovarella.uol.com.br/livro/estacao-carandiru/>>. Acesso em 20 de Maio de 2019.

**Portal Drauzio Varella.** Disponível em <<https://drauziovarella.uol.com.br/>>. Acesso em 20 de Maio de 2019.

**Santana completa 236 anos de desenvolvimento e muita tradição.** Disponível em: <<https://www.semanariozonanorte.com.br/noticia/santana-completa-236-anos-de-desenvolvimento-e-muita-tradicao>>. Acesso em 20 de Maio de 2019.

VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.